

SIMPÓSIO AT087

LETRAMENTO E PROCESSO DE DERIVAÇÃO DE PALAVRAS: UMA PRÁTICA CRIATIVA EM REDAÇÕES PARA O ENEM

PEREIRA, Nanine Renata Passos dos Santos
Instituto Federal do Espírito Santo
nanine.pereira@ifes.edu.br

VIEIRA, Shirley
Instituto Federal do Espírito Santo
soushirley@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa pretende investigar os processos de formação de palavras que implicam em itens não produtivos na língua, como por exemplo, em formas pouco utilizadas na norma culta, tal qual *melhoramento*, *divertimento*. Para essa análise, observaremos diversos textos de alunos de 3º ano, em produções textuais direcionadas ao Enem, em práticas cotidianas de sala de aula. Acreditamos que essa prática dá-se em consequência do alto grau de letramento entre tais alunos, momento em que, na busca por construções lexicais mais elaboradas, recorrem, inconscientemente, aos processos morfológicos legitimados por sua competência lexical nata. Assim, são obtidas formas possíveis, porém menos recorrentes na língua, como, nos exemplos citados anteriormente, *melhoria* e *diversão*, palavras já cristalizadas nesse contexto. Nessa proposta de análise, é possível considerar o que afirma Botelho (2005, p.10) acerca das particularidades existentes no processo derivação, no que tange às lacunas preenchidas pelos usuários da língua: “O caso dos ‘defectivos’ deve ser entendido como sendo uma restrição da norma e não do sistema. Formas que hoje são aceitas já foram rejeitadas anteriormente e as faltas existentes podem a qualquer momento ser preenchidas.” Portanto, ressalta-se que os objetivos dessa pesquisa são: verificar a capacidade de produção de novas formas lexicais a partir de um conhecimento intuitivo para a formação de palavras não usuais da língua; propor um outro olhar no sentido de valorizar o ato criativo no processo de produção textual dos estudantes, o qual muitas vezes é taxado como “erro”, desconsiderando a habilidade de aquisição das construções lexicais.

Palavras-chave: Letramento; Formação de palavras; Derivação; Léxico.

Abstract

This study aims to investigate the derivation processes that result in productive linguistic items, putting the emphasis in forms uncommon to the standards of Portuguese formal register, such as *melhoramento*, *divertimento*. To proceed with such analysis, we will observe several texts written by students of the 3rd grade of high school, texts conceived as exercises to the Enem exam and written in everyday class practices. We believe this derivational practice can be explained by such students' high level of literacy, in a way that, searching for more elaborated lexical constructions, they unconsciously call upon morphological processes legitimized by their innate lexical competence. In this way, they

obtain forms that are possible, though less recurrent in the language, as those from the examples above. In such analysis, it is possible to consider what Botelho (2005, p. 9) claims about the particularities of the derivation process concerning the gaps filled by the users of the language: “The case of the ‘defectives’ must be understood as being a restriction imposed by the norm, not by the system. Forms that are accepted today were rejected before, and the existing gaps can be filled anytime.” Therefore, we highlight this research objectives: to verify the capacity of producing new lexical forms from an intuitive knowledge in order to form words unusual to the language; to propose another perspective, in the sense of appreciating the creative act in the students’ textual production process, which is often labeled as “mistake”, disconsidering the ability of acquisition of lexical constructions.

Keywords: Literacy; Words formation; Derivation; Lexicon.

Introdução

As provas discursivas do Enem exigem do aluno concludente do Ensino Médio um nível de domínio discursivo que corresponda à habilidade de produzir um texto que se adeque às cinco competências elencadas para o gênero dissertativo-argumentativo. Uma das competências que os alunos consideram mais desafiadora é a da adequação à norma culta da língua, pois, no processo de ensino da língua portuguesa, o currículo escolar ainda garante à gramática normativa destaque elevado.

Atuando diretamente na correção de redações de turmas de 3º ano do Ensino Médio, é possível observar que um número expressivo de alunos, por competência lexical nata, intuitivamente utiliza formas no processo derivacional que não correspondem ao que já faz parte do uso consagrado. Convém destacar que essas formas, ainda que não utilizadas, tomam por referência outras já existentes. Por isso mesmo se pode pressupor que essas ocorrências estão atreladas a um alto grau de letramento.

Esse fato chamou-nos a atenção devido à sua recorrência nos textos. O aluno procura uma escrita que se assemelhe às referências que ele traz consigo e ao que considera que seja uma escrita com um bom nível de formalidade. Acrescenta-se que, nos casos analisados, os alunos estão escrevendo com uma finalidade muito específica: a preparação para a única etapa discursiva de um exame que lhes garantirá a possibilidade de obter uma vaga em instituições de ensino superior. Não é necessário muito esforço para localizar muitas formas em

que evidenciam a busca de novas construções e, dessa forma, torna-se evidente que o papel do professor não é o de assinalar o “erro”, mas sim o de perceber que, enquanto usuários da língua, somos instigados a criar, por um lado e, por outro, a imitar o que já faz parte do léxico.

Portanto, nessa breve análise, o intuito é valorizar o ato criativo considerando que há processos morfológicos legitimados pelos falantes da língua dentre os quais pode ser destacado o processo derivacional evidenciado, sobretudo, em textos que exigem um certo nível de formalidade. Como assinala Aline Grodt,

O fato de um falante reconhecer a estrutura interna de palavras e saber, por exemplo, que a palavra fingimento “vem de” fingir e que a palavra preparação “vem de” preparar (Rocha, 1998: 40), nos mostra uma competência que faz parte do que conhecemos por “gramática subjacente, internalizada”, pertencentes aos usuários de uma língua.(GRODT, p. 10-11)

1. O caso da produtividade

A capacidade de o falante reconhecer a estrutura interna das palavras e saber, por exemplo, que *centralização* vem de *central* e *vencedor* provém do verbo *vencer* faz parte da competência lexical inata ao ser humano. Essa capacidade permite ao falante analisar uma palavra e, a partir dessa análise, criar outras novas na língua.

Basílio (2005) traz a noção de competência lexical, que seria a capacidade de o falante de formar novas palavras a partir de estruturas pré-existentes na língua. De acordo com autora, uma das vantagens de se observar o processo de formação de palavras na abordagem gerativista, seria que,

(...) só numa teoria que estabelece a representação da competência como objetivo principal da descrição gramatical é que podemos pensar nas regras que correspondem a nossas interpretações naturais de novas formações ou sua construção, na medida das necessidades do discurso. (p. 19)

Numa outra perspectiva, seguindo as gramáticas tradicionais, cinco são os tipos de derivação nos processos de formação de palavras: derivação prefixal, derivação sufixal, derivação parassintética, derivação regressiva e derivação imprópria.

De acordo com Rocha (2008), o processo de derivação sufixal é o mais produtivo e também o mais acionado pelos falantes, sendo que a nominalização é o processo mais eficaz na formação de novas palavras.

O termo “produtividade”, cunhado no gerativismo, diz respeito à possibilidade de criação de novas palavras a partir de uma regularidade observada no repertório lexical do falante de determinada língua. No entanto, apesar dessa capacidade inata, nem todas as palavras formadas pelo produtor têm aplicação efetiva na língua. Isso porque deve-se diferenciar condições de produtividade e condições de produção.

De acordo com Silva (2009), as condições de produtividade estão relacionadas a um potencial de criação de palavras, ou seja, às restrições que a regra coloca sobre suas bases. Já condições de produção são as possibilidades reais de uso dessas novas palavras, que, apesar de virtualmente possíveis, não encontram espaço no léxico devido a motivações de ordem pragmática e discursivas. Silva expõe que as condições de produção,

“(...) olham “para fora”: olham regras semelhantes a uma regra dada – por exemplo, para regras que estão em competição com aquela primeira – e depois olham as condições discursivas mais gerais, as condições culturais, etc. Assim, embora a formação de substantivos deverbais disponha de regras produtivas em -ção ou -mento, quando falamos de terminologia científica, -agem é a regra acionada, e por isso temos lavagem (intestinal) ou clonagem e não *clonação ou *clonamento. (p. 61)

Quanto à não-existência de produtos reais no léxico, Rocha destaca três fatores: a) restrição: deve-se à inexistência de uma palavra devido a processos fonológicos, paradigmáticas, pragmáticas e discursivas; b) bloqueio: deve-se ao não uso de uma forma devido à existência de outra com sentido semelhante, c) inércia morfológica: embora existam palavras virtualmente possíveis na língua, elas simplesmente não são usuais.

Em nossa breve amostragem, percebemos, durante o processo criativo de palavras entre os alunos de 3º ano do ensino médio, mais recorrentemente os processos de bloqueio e de inércia.

2. A inovações lexicais nas redações de alunos

É comum, no exercício de nossa profissão, observarmos, na construção de textos de alunos, a aplicação da competência lexical. Muitas vezes, a partir de um repertório já assimilado, os discentes produzem palavras a partir do processo de derivação, na maioria das vezes, por prefixação e sufixação. Acontece que, por serem ainda usuários recentes da língua, muitas dessas novas construções incidem no caso de bloqueio, ou seja, as palavras por eles citadas, apesar de perfeitamente possíveis, não consideradas formas de uso devido à existência de outras com o mesmo sentido na língua.

Para o presente trabalho, foram observadas algumas redações de alunos do 3º ano do Ensino Médio, textos esses escritos nas aulas de língua portuguesa, nos mesmos moldes da redação do Enem. Sabemos que esse modelo de texto deve ser elaborado obedecendo a modalidade formal culta da língua portuguesa, sendo essa habilidade avaliada na competência I.

Temos que uma das habilidades avaliadas está relacionada à seleção de um léxico, que deve ser, na visão dos alunos, o mais rebuscado possível. Nesse sentido, na intenção de selecionar uma palavra mais formal, e, ainda, pela pouca idade e repertório, menos abrangente, aplicam a regra implícita de formação de palavras, muitas vezes resultando no processo de bloqueio.

Vejamos algumas palavras observadas nos textos de alguns alunos, distribuídas, aqui, pelos processos de derivação prefixal e sufixal, bem como sua forma usual:

Forma restrita por bloqueio	Forma usual
exclusiva	excludente
excluímento	exclusão
massacramento	massacre
aclaramento	esclarecimento
empregação	emprego
enraização	enraizamento

compartilhação	compartilhamento
abrangeadora	abrangente
linkada	?

Observamos nessas produções, a presença dos sufixos “ção” e “mento”, que, como afirma Rocha (2008), são os mais produtivos sufixos nominalizadores do português.

Nos exemplos citados, percebemos plena aplicação da regra de formação de palavras a partir de um repertório logicamente possível. Os casos de “excluímento”, “massacramento” e “aclaramento” são vocábulos que satisfazem às regras de formação de palavras em nossa língua, porém essas palavras são “inadequadas” devido à ação do bloqueio, visto a existência de palavras como “exclusão”, “massacre” e “esclarecimento”, possivelmente, desconhecidas dos jovens produtores de textos.

Já os casos de “empregação”, “enraização”, “compartilhação”, “abrangeadora” e “excluítivo” foram também logicamente implicados, todavia, os sufixos a eles atribuídos não são aqueles cristalizados pelo uso “emprego”, “enraizamento”, “compartilhamento”, “abrangente” e “excludente”. Quanto a essa última forma, cujo significado é “aquele ou aquilo que exclui”, teríamos ainda a possibilidade de utilizarmos a palavra “exclusivo”, talvez até pensada pelo aluno. Contudo, o sentido de exclusão não é pleno (como no caso de “vagões exclusivos” e “entrevista exclusiva”), levando à escolha de “excluítivo”.

Temos ainda a palavra “linkada”, uma forma nominalizada por participípio. Nesse caso, observamos a aplicação da derivação na formação de uma palavra não existente em português, adaptada da palavra estrangeira “link”, muito utilizada na língua, inicialmente, no contexto da informática, e, posteriormente, estendida a outros contextos linguísticos.

Observemos, a seguir, outras novas possibilidades de novos vocábulos a partir do processo menos comum de formação de palavras, a prefixação.

Forma restrita por bloqueio	Forma usual
subnormais	anormais
intolerar	*
desingresso	*
desvínculo	*
desfunciona	*

Vimos que, para além do processo de bloqueio, muitas palavras “inventadas” pelos alunos realmente não têm uma paridade no repertório usual dos falantes de língua portuguesa. No entanto, no processo de redação do texto, é comum “precisarmos” de uma palavra com um sentido diferente de outras já conhecidas. São os casos de “intolerar”, em sua forma verbal, “desingresso”, “desvínculo” e “desfunciona”. A palavra “subnormal”, apesar de pouco usual, pode ser encontrada, porém no sentido de “anormal”, modifica o contexto de uso.

Considerações finais

A produção de textos dissertativo-argumentativos é um dos maiores desafios para um número significativo de estudantes. A isso soma-se o desejo de “acertar”, de escrever escolhendo as formas que se consideram as mais adequadas a esse fim. Assim, não é difícil compreender como a elaboração de um texto também é o resultado de um fazer criativo e renovador, que colabora com o léxico à medida que também é fruto de aquisição desse pelos usuários de uma língua.

Nessa perspectiva, ao corrigir uma redação, é importante que o professor sempre se mantenha atento às novas formas que regularmente aparecem no texto e que o desafiam a ser muito mais do que alguém que corrige, e sim um observador, um investigador pronto a compreender os meandros da língua e suas inúmeras possibilidades.

Se, para além das competências específicas do Exame Nacional do Ensino Médio, existe uma competência lexical nata, verificável em diferentes

registros, não se pode ignorar que todos estamos sujeitos a ela na medida em que a explicitamos intuitivamente na fala e na escrita, em diferentes contextos discursivos e, por que não, na tessitura que se pretende formal? Desse modo, o destino da linguagem sempre será a subversão da norma bem como a renovação das formas por meio de processos que contribuem para a formação do léxico. Compreender isso é essencial para a nossa formação.

Referências

BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical**. 7ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2005.

BOTELHO, José Maria. **Flexão e derivação: semelhanças e diferenças**. Congresso de Letras da UERJ, Rio de Janeiro, São Gonçalo: Rio de Janeiro, 2005.

DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira. O prefixo segundo o critério da produtividade. **Revista de Letras**, Fortaleza, v.1/2,1998. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2119>. Acesso em 19.mai.2019.

GRODT, Aline. **Um estudo sobre produtividade derivacional no português falado no sul do Brasil**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português**. 2ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2008.

SILVA, Maria Cristina Figueiredo. **Morfologia**. UFSC, UAB. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2009.